

Representações sociais sobre casamento em uma cidade do Oeste Catarinense

Cristina dos Santos Padilha¹
Daiane Zapparoli²
Daniele Doss Damo³
Tiago Luiz Pereira⁴

Resumo

O estudo tem por objetivo identificar as representações sociais de pessoas solteiras, casadas e divorciadas sobre casamento, buscando compreender quais sentimentos, expectativas e valores estão presentes nas concepções e experiências dos entrevistados. A pesquisa tem delineamento qualitativo, exploratório, de corte transversal. Foram entrevistadas e analisadas as respostas de dez participantes, dentre eles, quatro casados, três solteiros e três divorciados. Um número considerável dos entrevistados compreende que o casamento é algo para sempre, quase todos estão cientes das responsabilidades e sentimentos que o casamento exige/envolve. Alguns entrevistados tiveram posicionamentos flexíveis referente às concepções sobre divórcio/separação, compreendendo que nem sempre o casamento deve ser para sempre, mas sim um relacionamento que proporcione prazer e felicidade aos cônjuges. Outro aspecto importante, é que, para os entrevistados, o que realmente importa no casamento é a convivência, mais do que as regras sociais e convenções.

Palavras-Chave: Casamento, Psicologia social, Relações interpessoais.

Abstract

The study aims to identify the social representations of single, married and divorced people about marriage, seeking to understand which feelings, expectations and values are present in the conceptions and experiences of the interviewees. The research has a qualitative, exploratory, cross - sectional design. The responses of ten participants were interviewed and analyzed, among them four married, three unmarried and three divorced. A considerable number of respondents understand that marriage is forever, almost everyone is aware of the responsibilities and feelings that marriage requires / involves. Some interviewees had flexible positions regarding conceptions about divorce / separation, understanding that not always marriage should be forever, but a relationship that provides pleasure and happiness to the spouses. Another important aspect is that, for those interviewed, what really matters in marriage is coexistence, rather than social rules and conventions.

Keywords: Marriage, Social psychology, Interpersonal relations.

Introdução

¹ Ciclos – Instituição de formação em terapia familiar

² Ciclos – Instituição de formação em terapia familiar

³ Ciclos – Instituição de formação em terapia familiar

⁴ Ciclos – Instituição de formação em terapia familiar

O casamento perpassa direta ou indiretamente a vida das pessoas, por fazer parte da organização da sociedade. A união entre duas pessoas compõe a forma mais tradicional e comum de se constituir novas famílias. De acordo com Martins (2009, p. 11) “O casamento é representado como um ritual e uma tradição em que é importante a fidelidade. [...] A separação/divórcio é representada socialmente como uma frustração e um rompimento com o sonho de conjugalidade construído”. É necessário esclarecer que as representações sociais podem se transformar com o passar dos anos, deve-se considerar que a contemporaneidade vem proporcionando novas posturas e atitudes frente ao tema. Ainda, de acordo com Martins (2009, p. 11), “A representação social do casamento apresenta elementos de idealização/romantização que podem sofrer modificações à medida que vivem o cotidiano da conjugalidade”. Desta forma, percebe-se que as representações sociais se transformam com as experiências vividas, considerando que a sociedade e as pessoas estão em constante movimento.

De acordo com Zordan, Falcke e Wagner, (2009, p. 60) “Hoje, os parceiros não aceitam que o casamento não corresponda às suas expectativas de felicidade, prazer, compreensão mútua e companheirismo, sendo o rompimento conjugal cada vez mais frequente”. A partir do pensamento das autoras, abre-se espaço para questionamentos como: A exigência social de um casamento perfeito, pode ser um dos fatores que levam ao divórcio? Existe uma medida de submissão ao sofrimento em prol da manutenção do casamento? As representações sociais podem ter influência sobre a manutenção ou não de um casamento? Diante disso, o objetivo da pesquisa foi identificar as representações sociais das pessoas sobre o casamento. Ciente que o casamento foi e continua sendo o lugar onde a intimidade é construída e vivenciada por seus membros (Silva, Trindade, Silva Junior 2012). Frente a isso, enfatiza-se a importância de conhecer e expor as representações sociais sobre o tema, com o intuito de que a sociedade se aproprie de discussões referentes a esse assunto e estabeleçam relações com o cotidiano. Tendo em vista que as representações sociais estão em constante mudança e que interferem em nossas escolhas, faz-se importante que a sociedade conheça quais as representações sociais de pessoas do Oeste Catarinense no que diz respeito ao casamento.

Representações sociais

As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Considerando que todas as representações sociais são construídas subjetivamente pelas sociedades antigas ou contemporâneas. (MAZZOTTI, 2008). De acordo com Xavier (2002, p. 23), as representações são “uma modalidade de conhecimento particular, que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.” Ciente que é por meio de representações que a sociedade interage e se desenvolve.

Com base nos estudos de Martins (2009, p. 94), “As representações sociais (RS) são fenômenos complexos construídos no cotidiano pelos indivíduos, que tem como função tornar familiar o não familiar, numa dinâmica em que o objeto é reconhecido e compreendido a partir de uma experiência anterior”. Pode-se afirmar que as representações sociais são as maneiras como as pessoas, em outras palavras, como a sociedade vê e entende os fatos e acontecimentos.

As representações sociais são diretamente influenciadas pela linguagem e pensamento condicionado nas culturas (MOSCOVICI, 2012). Com base em Moscovici (2012, p. 216), “Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integralidade normativa do grupo.” A mesma autora ressalta ainda que as representações sociais são forças da comunidade, pois são por meio delas que se comunicam e se transformam. Pode-se afirmar que as mudanças ocorrem com o intuito de acompanhar as evoluções da sociedade visando aprimoramento das relações dos indivíduos em sociedade, prezando pela felicidade e qualidade de vida dos mesmos. (MOSCOVICI, 2012).

Para Minayo (2002, p. 89), representações sociais “é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento”. A autora ainda ressalta que, as representações sociais se manifestam por meio de palavras, comportamentos, sentimentos e se estabelecem na sociedade, portanto, podem e precisam ser estudadas a partir da compreensão das mesmas e dos comportamentos sociais.

Guareschi (2002, p. 202) complementa o entendimento do conceito considerando a representação social como “[...] um conceito dinâmico e explicativo, tanto da

realidade social, como física e cultural. Possui uma dimensão histórica e transformadora. Junta aspectos culturais, cognitivos e valorativos, isto é, ele se constitui numa realidade presente nos objetivos e nos sujeitos”. Diante do exposto, pode-se afirmar que as representações sociais envolvem vários aspectos dos seres humanos para serem constituídas. Desta mesma forma, as representações sociais, por serem subjetivas, estão em constantes mudanças e se modificam frequentemente a partir das relações, interações e pensamentos. (GUARESCHI, 2002).

Casamento

Inicialmente o casamento tinha um único papel para a sociedade, a construção de famílias (filhos), para dar continuidade aos trabalhos ou capital das famílias de origem. Com base em Costa (2007, p. 46), “O objetivo principal do casamento era formar uma família, que passou a ser valorizada social e politicamente, cabendo à mulher as tarefas de atender o marido, cuidar da casa e dos filhos”. Neste momento a mulher era primeiramente submissa aos pais e com o casamento, passava a ser submissa ao marido. É importante ressaltar ainda que o amor, a escolha e a paixão não existiam no casamento, todos esses sentimentos eram vivenciados e experimentados em relações extraconjugais, o sexo não era vivido ou percebido como algo que proporcionasse prazer ao casal, sua função era unicamente a reprodução. Da antiguidade até a idade média os pais negociavam os casamentos dos filhos. O casamento não configurava uma escolha amorosa, mas sim um negócio entre duas famílias. (ARAÚJO, 2002).

Nesse momento, o casamento se constituía como um instrumento a serviço da construção de um modelo de sociedade e de um modelo de relações a serem estabelecidas entre as pessoas que faziam parte dessa sociedade.

Levando em consideração as mudanças, Severino (1996, p. 72), chama de casamento “a determinação de dois indivíduos de conviverem numa relação estável e que implica assumirem compromissos mútuos, oferecendo reciprocamente suporte para as necessidades sociais, afetivas e sexuais”. Na contemporaneidade os indivíduos têm uma liberdade maior de escolher os cônjuges e também o momento de iniciar um casamento, os relacionamentos são proporcionam mais prazer a liberdade aos envolvidos com base em Carvalho e Paiva (2009, p. 226), “Hoje, os casais têm mais liberdade para conduzirem seus relacionamentos, se

decidirem a respeito de filhos e se vale a pena estar junto. Pela liberdade e outras formas de viver instituídas, surgiram novas maneiras de se relacionar”. Possibilitando as pessoas que escolhessem viver num casamento ou não. Atualmente, devido ao sistema em que a sociedade vive, capitalista as pessoas estão mais preocupadas em encontrar a felicidade, se divertir, se realizar profissionalmente e pessoalmente, tudo isso de forma livre, sem estabelecer um compromisso com outra pessoa. Observa-se que o casamento tem sido postergado no ciclo de vida. Assim como tem tido outros objetivos para que ocorra, além de apresentar novas formas de se relacionar e de amar. (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009). Segundo Costa, (2007, p. 47), “Uma relação conjugal que não tenha por base o amor sexual, a livre decisão dos cônjuges e a igualdade de obrigações e direitos tornou-se humanamente inaceitável”. Ainda com base em Costa, (2007, p. 47), “[...] como se pode ver pela trajetória histórica da humanidade, amor e sexo nunca estiveram tão juntos no casamento, representando um amadurecimento da relação homem/mulher [...]”. Diante do exposto pode-se afirmar que, se aprimoraram as representações sobre casamento, cientes que ocorreram diversas transformações da forma de pensar e viver o casamento.

Com a ascensão da ideia de individualidade, os relacionamentos têm sido considerados como algo solúvel, no sentido do não apego (CARVALHO E PAIVA, 2009). As pessoas estão deixando para casar-se mais tarde e vivendo vários relacionamentos antes do casamento, ou após o casamento, considerando que o divórcio ou a separação são processos comuns e em alguns casos necessários na sociedade. Os mesmos autores (2009, p. 224), ressaltam ainda que, “um relacionamento moderno tem sua duração incerta, vinculada ao quanto as partes estejam plenamente satisfeitas.” E quando ambos concordam que o casamento acabou ou quando um cônjuge já não está feliz no matrimônio, cada um segue sua vida.

Severo (2010, p. 23), ressalta que “hoje, mais do que nunca, a relação a dois é uma construção conjunta, é a aceitação da disparidade, da diversidade, da incerteza.” Considerando que o casamento é a construção de uma vida em conjunto, pois a partir do mesmo o casal constrói uma vida a dois com objetivos e sonhos compartilhados, contudo cada indivíduo permanece com sua individualidade, ciente que cada pessoa é única e necessita seguir com sua essência (SEVERO, 2010).

De acordo com Falcke e Zordan (2010, p. 151) “[...] o amor é valorizado, é importante, porém não é mais percebido como eterno, total, exclusivo, único e reconhecido de imediato. As pessoas têm uma visão mais real e menos fantasiosa e idealizada do amor”. Com base nisso, reafirma-se que o amor ainda é um sentimento que possibilita a união conjugal, entretanto, não é unicamente o amor o “responsável” pelo casamento.

Além do amor referente ao cônjuge são necessários muitos outros sentimentos para casar-se e continuar com o casamento. Considerando Feres-Carneiro (1998, p. 02), “O casal constrói assim, não somente a realidade presente, mas reconstrói a realidade passada, fabricando uma memória comum que integra os dois passados individuais.” Em outras palavras, com o casamento o casal passa a compartilhar suas histórias, ideias, opiniões, mas também partilha suas histórias e percepções individuais, ciente que o diálogo é fundamental na relação do casal. Considerando isso, e como já foi mencionado anteriormente, o tema vem passando por algumas mudanças, levando em consideração que se está falando de pessoas e suas relações, dessa forma as mudanças são imprescindíveis, visto que todo ser humano sempre está em constantes mudanças e aprimoramentos.

Método

Delineamento

Trata-se de uma pesquisa descritiva exploratória, com abordagem qualitativa e corte transversal.

Participantes

Participaram do estudo dez pessoas: quatro casadas ou coabitantes, três solteiras e três divorciadas, entre 20 e 40 anos.

Instrumentos

Foram utilizados questionário sócio demográfico e roteiro de entrevista semiestruturada.

Procedimentos

Apesquisa foi encaminhada e aprovada pelo Comitê de Ética, e consonância com as exigências éticas contempladas nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de

Pesquisas Envolvendo Seres Humanos nº510/2016 e nº 466/2012 (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016). O acesso aos participantes se deu por conveniência por meio da técnica Snowball ou "Bola de Neve" e critério de saturação (BALDIN; MUNHOZ, 2011). A partir da indicação do primeiro participante, foi realizado contato telefônico com cada pessoa para explicar sobre a pesquisa, questionando se aceitariam participar da mesma. Posteriormente, foi marcado um dia e horário para realizar a entrevista. Caso alguma pessoa indicada recusasse participar da entrevista, ela poderia ou não indicar outra pessoa. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em áudio e conduzidas exclusivamente pela pesquisadora. Foram realizadas individualmente nos locais de trabalho ou residência dos participantes, assegurando as questões relacionadas ao sigilo. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na análise de conteúdo (MINAYO, 1994).

Apresentação e discussão dos resultados

A partir da análise de conteúdo (MINAYO) os dados obtidos com o estudo foram categorizados em três categorias:

Representações sociais em relação ao casamento: Concepções sobre casamento - refere-se às falas que tratam das concepções sobre casamento e expectativas sobre o casamento;

Casamento bem sucedido - engloba as subcategorias que se referem às vivências da conjugalidade, aos sentimentos e a realização individual dos cônjuges no casamento.

Fatores que interferem na manutenção do casamento - refere-se às falas dos entrevistados no que, para eles, faz com que as pessoas permaneçam casadas.

Representações sociais em relação ao casamento

O casamento foi considerado pelos participantes como uma união entre duas pessoas, que possibilite compartilhar momentos juntos e construir uma família.

Casamento é unir duas pessoas, é viver junto, desenvolver uma vida a dois, conviver, aceitar os erros dos outros, as diferenças. Casamento é você viver bem com o outro, você conseguir levar a vida de forma harmônica, casamento não é perfeito, a gente briga, a gente discute, às vezes tem que ceder. Você tem que gostar da pessoa com os defeitos e com

as qualidades que ela tem, mesmo que não sejam as mesmas que você gostaria ou almejaria. (ENTREVISTADA 01, casada).

Percebeu-se que os mesmos compreendem que casamento é um relacionamento baseado no amor íntimo entre duas pessoas, cultivado de maneira harmônica. Também envolve um processo de aceitação do cônjuge. Aceitar as maneiras diferentes de pensar e agir. Para essas pessoas entrevistadas, a aceitação e a própria tolerância entre os cônjuges são elementos importantes em um casamento. As pessoas entrevistadas associam também ao casamento necessidades de tolerar e aceitar atitudes e costumes do companheiro, que pode ser compreendido em alguns momentos como abrir mão de escolhas individuais ou mesmo a sujeitar-se por vezes a vontade do companheiro. Foram elencados também como fatos importantes ao casamento o planejamento da relação, não podendo ser uma decisão tomada por impulso, bem como a noção de que o casamento não é necessariamente algo perfeito, permitindo a compreensão de que o mesmo possa ser construído cotidianamente, podendo fazer parte dele brigas, discussões e desentendimentos. Corroborando com as falas dos entrevistados, Severino, (1996), afirma que o casamento uma relação estável de duas pessoas, que assumem compromissos um com o outro, oferecendo suporte, auxílio e companheirismo. De acordo com Silveira, Silva e Smeha (2012, p 5), “O casamento assume um grande valor e significado na vida dos envolvidos, pois requer um alto grau de desejo, além de investimento afetivo entre seus pares para que ele ocorra.” Como aponta a entrevistada

Casamento é um elo entre duas pessoas que envolve bastante confiança, amor, fidelidade, essas três coisas tem que ter num casamento, [...]”. (08, separada).

Durante as entrevistas referentes à visão sobre casamento a questão financeira surgiu como um componente que interfere consideravelmente na relação conjugal.

Casamento pra mim é uma relação em dois para construir uma família, construir uma vida junto, ter sua própria casa, próprio carro, dividir as responsabilidades. (ENTREVISTADO 09, solteiro).

Casamento é um negócio onde o interesse comum é fazer o outro feliz, mas isso envolve vários fatores onde dinheiro é o maior deles. (ENTREVISTADA 06, solteira).

Esses relatos remetem a ideia do casamento como possibilidade de melhorar ou ampliar as condições materiais das pessoas envolvidas, como uma forma de associação. As falas dos entrevistados corroboram com o que Santos, Scorsolini-Comin (2010), afirmam em relação ao casamento, pois o mesmo, de uma maneira ou de outra, busca satisfazer as necessidades dos indivíduos. De acordo com esses dois entrevistados, o fato de construir bens materiais juntamente com o cônjuge é um fator relevante e importante para o casal. Segundo Garbin; Cenci; Luz (2015, p. 72), “Atingir a satisfação conjugal envolve inúmeros aspectos, entre eles sexualidade, questões profissionais e financeiras.” A maioria dos entrevistados trouxe como fundamental, para a relação conjugal, o afeto e a forma de se relacionar cotidianamente com o cônjuge. Entretanto, para alguns dos entrevistados a questão financeira adquire considerável importância no que diz respeito ao relacionamento do casal. Como afirmam os autores Garbin, Cenci e Luz, (2015), quando comentam que o dinheiro é necessário para suprir os gastos diante do cotidiano do casal e/ou da família.

De acordo com Garbin, Cenci e Luz (2015, p. 75), “[...] as questões sobre o dinheiro dentro das famílias e do casamento são assuntos que nunca se fecham ressurgindo sempre em discussões nos mais variados contextos.” Frente a isso, compreende-se que a questão financeira tem grande relevância no que diz respeito à convivência conjugal. Conforme os mesmos autores (2015, p. 76), “O dinheiro aparece como vital, tanto para aquisição de bens de consumo, baseado nas necessidades básicas, quanto para proporcionar um padrão de bem estar e felicidade vendidos pela sociedade capitalista.”

Eu sonho com o casamento, mas penso que deve ser algo um pouco difícil, pois é dividir a vida, conviver diariamente com outra pessoa. Constituir uma família, ser feliz entre o casal e depois com os filhos [...]. (ENTREVISTADA 05, solteira).

É necessário ressaltar que o casamento é um momento do ciclo de vida das pessoas, com base em Mcgoldrick (2001, p. 42), “A fase da transição para o casamento é um momento importante para mulheres e homens [...]”. Ainda de acordo com a autora (2001, p. 68), “Várias evidências maiores tornam-se evidentes nesta transição de ciclo de vida, incluindo a definição dos papéis sexuais, as fronteiras em torno do casal dentro do sistema familiar”. Em outras palavras, é nesse momento que os cônjuges realizam alguns acordos e regras para viabilizar a relação entre ambos. É durante o casamento que os mesmos vão perceber e

conviver com costumes que antes não faziam parte de suas realidades. Mcgoldrick (2001, p. 184), ressalta que “O casamento requer que duas pessoas renegociem juntas uma miríade de questões que definiram previamente para si em termos individuais, ou que foram definidas por suas famílias de origem [...]”. Tornar-se um casal não é um processo simples, contudo faz parte do ciclo de vida para as pessoas que optam pelo casamento, assim como os demais ciclos que encontramos no decorrer da vida.

Dos dez entrevistados, nove deles compreendem que o casamento é algo que deveria ser para sempre.

Uma vida a dois para o resto da vida, até que a morte os separe. (ENTREVISTADA, 02, casada).

Expectativa é que dure uma vida inteira, casei com esse pensamento e passado 12 anos a expectativa é que se mantenha a vida inteira. (ENTREVISTADA 03, casada).

Viver para sempre juntos, construir uma família. (ENTREVISTADA 04, casada).

Ciente disso, as informações oferecidas por eles correspondem ao que Martins (2009) relata sobre casamento, que algumas representações sociais sobre casamento são identificadas como romantizadas, bem como alguns entrevistados trouxeram em suas falas acima. Segundo Martins (2009, p. 27), “[...] o amor passa a ser utilizado como forma de compensação para dar sentido à própria existência. A partir dessa constatação, o amor passa a ser concebido como sentimento de pertencimento”. Essa compreensão pode estar relacionada com um alto grau de identificação com o cônjuge, que o mesmo não consiga se imaginar sem o companheiro ou sem a relação existente entre eles.

Conforme Silveira; Silva; Smeha (2012, p. 01), “O amor romântico idealizado ainda é presente nas relações, assim como ainda se espera que o outro cônjuge seja responsável pela felicidade e a sensação de completude do sujeito.” A entrevistada 08, relata que tinha como expectativa:

Viver ao lado dele para sempre, mas infelizmente não aconteceu e agora minha expectativa é achar outro parceiro com essa mesma ideia, que dê certo pra sempre. (ENTREVISTADA 08, separada).

Conforme esse relato, mesmo com a separação a pessoa continua com a mesma percepção, ou seja, no próximo relacionamento ela pretende encontrar alguém para

viver junto para o resto da vida. De acordo com Groisman (2006, p. 105), “O casamento ou a união não deveria e não deve conter o slogan “até que a morte nos separe”, apesar da existência da crença religiosa de que o casamento é indissolúvel e de que os parceiros deverão continuar juntos na tristeza e na alegria até que a morte os separe.” Identificou-se que a crença religiosa está muito presente na vida da maioria dos entrevistados, como demonstra a fala da entrevistada 08.

Diante dessa, compreende-se que as representações sociais de pessoas solteiras, casadas e divorciadas não se distinguem consideravelmente, pois a maioria dos entrevistados compreende que casamento é a união de duas pessoas, tendo como base a boa convivência entre os cônjuges, atribuindo grande importância para a relação questões de ordem financeira. As expectativas também não apresentaram variações consideráveis, sendo mais destacada pelos entrevistados a percepção de que o casamento deve ser para sempre, bem como a felicidade se constitui como um resultado da convivência. Outro fator importante que surgiu nessa categoria, se refere à relação dos cônjuges. Para os entrevistados o que realmente importa no que diz respeito ao casamento, é a convivência e as interações existentes entre o casal, em outras palavras, o relacionamento e as interações são considerados como mais importantes do que as regras e convenções sociais e culturais.

Casamento bem sucedido

Quando questionado aos entrevistados sobre quais eram os sentimentos mobilizados em relação ao casamento, os mesmos relataram:

Cumplicidade, amor, respeito, amizade, diálogo e parceria.
(ENTREVISTADA 02, casada).

Alegria, união, respeito, amor, cuidado. (ENTREVISTADA 04, casada).

Alegria, carinho que é principal, confiança, respeito, fidelidade.
(ENTREVISTADA 07, separada).

Todos os entrevistados relataram sentimentos positivos em relação ao casamento, sendo eles, admiração, compreensão, cumplicidade, respeito, cuidado, confiança e fidelidade/segurança. Esses sentimentos são referentes à vivência dos cônjuges, sobre a realidade que os mesmos vivem nas relações. Durante as entrevistas as pessoas relataram informações semelhantes, afirmando que a paixão é realmente algo surpreendente, que invade as pessoas, contudo, durante o transcorrer do

casamento essa fase passa e o que permanece é o companheirismo, a amizade e o diálogo, que pode ser entendido como amor.

Esses sentimentos se aproximam da ideia de Severo (2010), quando afirma que, o casamento é uma relação que possibilita aos cônjuges aproximação, vínculo, afeto e respeito por suas escolhas. Segundo Severo (2010, p. 23), “O casal vai traçando uma história que lhe é própria, um desenrolar de eventos únicos, em que cada indivíduo continuará existindo, mas, ao mesmo tempo, modificado pela convivência, pelo sonho compartilhado [...]” Frente a isso, pode-se afirmar que a aproximação e a vivência dos casais, melhor dizendo, a relação que os cônjuges constroem e estabelecem durante o casamento vai se aperfeiçoando no cotidiano dos mesmos.

Salienta-se que os entrevistados relatam que o casamento precisa satisfazer as necessidades e desejos de cada cônjuge. Já Silveira, Silva e Smeha (2012, p. 4), afirmam que “o medo da responsabilidade também parece assustar o sujeito, pois uma relação duradoura requer dedicação, comprometimento e responsabilidade”. Diante do exposto, percebe-se que a forma como cada casal cultiva o casamento é que faz a diferença em relação à manutenção e vivência, podendo-se entender como secundárias as expectativas e convenções.

Dos entrevistados, a maioria compreende ser necessário o amor, o diálogo, o companheirismo, a sexualidade, uma relação de intimidade entre o casal, o respeito e a ajuda mútua entre os cônjuges para ter um casamento bem sucedido.

Um casamento onde duas pessoas se respeitem, conversem, pois o diálogo é muito importante, e fazer sexo. (ENTREVISTADA 01, casada).

Precisa ter o respeito, a cumplicidade, o diálogo, onde deixa de haver a questão do individualista, vem o objetivo comum dos dois. Entender os momentos de tristeza, participar dos momentos de alegrias. É sair de mão dada depois de velhinho, é tomar um chimarrão no final da tarde e conversar. (ENTREVISTADA 02, casada).

Essas falas se assemelham com a concepção de Wagner *et al*, (2005), que acredita que para construir um casamento é necessário todos os aspectos citados pelos entrevistados, além de “[...] mais o desejo, mais o investimento e mais o comprometimento em construir uma vida a dois”. (p. 63). Com base em Barboza (2011, p. 301), “[...] é imprescindível ter uma comunicação aberta e livre entre os membros, que gere intimidade suficiente para uma interação conjugal”.

Duas entrevistadas falaram também sobre a importância do sexo no casamento que condiz com o que Barboza (2011), afirma. O sexo é importante na relação do casal, pois demonstra relação de intimidade, confiança e prazer. Barboza (2011, p. 302), afirma ainda que “Embora o casamento envolva compromissos, provações e renúncias, também deve ser fonte de prazer, divertimento e felicidade”.

A entrevistada deixa claro que não adianta manter um casamento se o mesmo não proporcionar felicidade para os cônjuges. Essa percepção se assemelha também com a ideia de Féres-Carneiro (2001), quando menciona que o casamento deve ser mantido enquanto proporcionar prazer aos mesmos. Os autores Zordan, Falcke e Wagner (2009), também compartilham dessa percepção, quando afirmam que os cônjuges devem continuar com o casamento enquanto sentirem-se felizes. A mesma entrevistada afirma ainda que o casamento é a construção de uma vida a dois, o que corrobora com a ideia de Severo (2010), que compreende o casamento como uma construção a dois e reflete sobre a importância dos cônjuges auxiliarem um ao outro em todos os aspectos da vida.

A propósito, quando questionado aos entrevistados sobre a relação individual dos cônjuges em um casamento, os mesmos informaram que

É importante cada um ter sua independência, sair com suas amigas para fazer algumas atividades sozinhas, faz bem para a relação, deixa o relacionamento mais saudável. (ENTREVISTADA 04, casada).

Cada um precisa buscar crescer pessoalmente, quando a gente casa, acredito que o companheiro possa ajudar desse crescimento, dando apoio, incentivando. (ENTREVISTADO 09, solteiro).

As concepções dos entrevistados se assemelham, ponderando que para eles a liberdade e a confiança são elementos de grande importância para a relação conjugal, tendo assim a possibilidade de realizar as tarefas e atividades que gostem, exercendo sua individualidade e assim estabelecendo uma relação conjugal saudável, onde ambos possam crescer e proporcionar crescimento ao companheiro. Wagner *et al* (2005), afirma que os cônjuges tem direitos de realizar atividades individuais visando satisfazer desejos buscando sua felicidade e bem-estar, como também afirmam Vieira e Stengel (2010).

É preciso entender que a pessoa tem certas necessidades individuais, objetivos que você tem que respeitar porque você também tem as suas. (ENTREVISTADA 01, casada).

Segundo Oliveira (2009, p. 37), afirma ainda que “[...] o casamento é um arranjo social que pode permitir ao indivíduo a reconstrução de sua identidade a partir do relacionamento com outra pessoa, se redefinindo dentro da realidade construída”. Frente a isso é esperado que os cônjuges se apoiem e sejam parceiros durante o período que estiverem juntos. Ainda com base em Oliveira (2009, p. 41), “Sua individualidade deve existir naturalmente, assim como é preciso que haja respeito à individualidade do outro”. Vieira e Stengel (2010, p. 149) afirmam que: “O indivíduo é responsabilizado pelo seu próprio bem-estar, pela construção de seu projeto de vida, pela satisfação de suas necessidades, pelo planejamento de sua vida.” Em outras palavras, cada indivíduo é responsável por buscar realizar atividades individuais mesmo em um casamento, pois cada cônjuge continua sendo o principal responsável por desenvolver e buscar realizar seus objetivos.

Fatores que interferem na manutenção do casamento

Os entrevistados demonstraram concepções muito semelhantes, no que se refere aos fatores que interfere na manutenção do casamento. Percebeu-se que, para os participantes da pesquisa, para manter o casamento os cônjuges precisam se respeitar, dialogar, ter responsabilidades, amor, companheirismo, confiança, fidelidade, amizade, cumplicidade e sexo:

É o convívio onde as duas pessoas têm que aprender a ceder.
É um conjunto, uma união onde às duas pessoas têm que equilibrar para conviver juntos. A paixão dura um certo período, depois fica a convivência, carinho, o afeto, o amor propriamente dito. [...]. (ENTREVISTADA 03, casada).

Segundo o relato, a paixão que os cônjuges sentem um pelo outro no início da relação é mais intensa e com o passar do tempo às relações vão se transformando e a paixão se transforma em cumplicidade, companheirismo, amizade, amor, dedicação, diálogo e respeito. Desta forma, os sentimentos entre os cônjuges são modificados de acordo com a convivência dos mesmos. Feres-Carneiro, (2001, p. 92), afirma que “Quando o amor acaba, ou melhor, se transforma, os casais se sentem traídos, tendendo a culpar seus pares – ou a si mesmos – pelo “fracasso”, e não à cultura que lhes empurrou um modelo não muito compatível com a própria realidade”. Como comentado anteriormente, a relação dos cônjuges se transforma na medida em que os anos vão passando, desta forma, muitas vezes os cônjuges

podem compreender essa mudança como à falta do amor, contudo, o amor ardente do início na relação apenas se transformou em amizade, cumplicidade, carinho, companheirismo, fidelidade, empatia e todos os demais sentimentos relatados pelos entrevistados.

Essas representações sociais aproximam-se da concepção de Feres-Carneiro (2001, p. 87), “Só o amor constrói, mas... só o comprometimento, o respeito mútuo, o companheirismo, entre outros fatores, [...] parece mais próximo da realidade quando se pensa em uma relação mais estável e satisfatória”. Compreendeu-se que o que mantém um casamento é a relação entre o casal, a maneira como os cônjuges convivem e a individualidade de cada um. A individualidade, como relatada em outros momentos, tem sua importância na manutenção do casamento, pois é a mesma que é responsável por possibilitar aos cônjuges, que eles mesmos casados realizem atividades individuais, permitindo assim que cada um realize e busque por aspectos próprios.

Considerações finais

O casamento sofreu uma série de transformações no decorrer nos séculos, tanto nas concepções que o regem, como em seu fazer diário que foi se transformando. Apesar das mudanças, o casamento continua sendo algo marcante na vida da maioria dos entrevistados seja como evento religioso e social ou pela convivência que o constitui. As novas representações sociais são baseadas nas antigas representações sobre casamento, pois são construídas pelas vivências e experiências dos indivíduos na sociedade, portanto existem pontos que ligam a forma de conceber o casamento no passado e nos dias de hoje.

Afirma-se que as concepções sobre o tema e a população estudada, no que diz respeito ao estado civil das pessoas entrevistadas, não apresentou distinções que se destaquem, uma vez que, os entrevistados relataram representações sociais semelhantes, conforme apresentado anteriormente. Para os entrevistados, o casamento é representado e compreendido como uma união entre duas pessoas e a construção de uma família. Os entrevistados relataram ainda sobre a importância do sexo, da individualidade, a necessidade dos cônjuges continuarem crescendo individualmente. A questão financeira também foi considerada importante.

Conclui-se que, todos esses fatores são relevantes para um casamento satisfatório e na manutenção do mesmo. Portanto questões ligadas à convivência diária e ao relacionamento do casal com base em sentimentos positivos foram identificadas como fundamentais.

Conclui-se também que alguns entrevistados têm uma visão romantizada sobre o casamento, entretanto, essa perspectiva é mais presente na visão nos entrevistados solteiros, nos quais é possível perceber a expectativa da paixão envolvida e/ou esperada pelo cônjuge.

Os entrevistados compreendem ainda que durante o casamento os cônjuges e a família passam por conflitos e crises, isso significa que os entrevistados têm a concepção de que o casamento não se resume exclusivamente a vivências positivas e agradáveis, mas que como qualquer outra relação tem momentos difíceis e conflitos. Acreditam que com diálogo, amizade, respeito e amor as adversidades podem ser superadas. Segundo os entrevistados, um casamento bem sucedido é construído com base no amor, diálogo, companheirismo, cumplicidade, empatia, sexualidade, relação de intimidade do casal, respeito e ajuda mútua. Os entrevistados deixaram claro que consideram o casamento é constituído muito mais na convivência dos cônjuges, do que pelas regras e convenções de ordem social, cultural e até religiosa, embora estes possam influenciar na relação estabelecida entre as pessoas.

Referências

ARAUJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 out. 2015.

BARBOZA, Silvana Negro. As diversas formas de conjugalidade na eterna busca da felicidade. LABORE Laboratório de Estudos Contemporâneos **POLÊMICA** v. 10, n. 2, p 299-306. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2863/2008>>. Acesso em 28 out. 2015.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação Ambiental Comunitária: Uma experiência com a técnica de pesquisa Snowball (BOLA DE NEVE). **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v. 27. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3193/1855>>. Acesso em: 29 out. 2015.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº466 de 12 de dezembro de 2012**. Estabelece normas de pesquisa com seres humanos. Brasília, 14 de junho de 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº510 de abril de 2016**. Dispõe das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais. Brasília, 24 de maio de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CARVALHO, Fernanda Cristina Gomes de; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 59, n. 131, p. 223-235, dez. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v59n131/v59n131a08.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2016.

COSTA, Gley Pacheco. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=CMc9uWI-eEYC&pg=PA47&lpg=PA47&dq=O+amor+e+seus+labirintos.&source=bl&ots=Hi6KjCJLuT&sig=z4CvcVQ8Shc_qwx4mhMcAfb0ID0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjQ__a2gP7MAhUMmJAKHXtVCfIQ6AEIYTAO#v=onepage&q=O%20amor%20e%20seus%20labirintos.&f=false>. Acesso em: 01 jun. 2016.

FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro. Vol. 62 n. 2. 2010. pp. 143- 155. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 abr. 2015.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro. NAU, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 jun. 2016.

GARBIN, Angela de Souza; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; LUZ, Susana Konig. Dinheiro e conjugalidade. **Revista de Psicologia da IMED**, 2015.

GUARESCHI, Pedrinho. Cap. 6 “Sem dinheiro não há salvação”: Ancorado o bem e o malentre neopentecostais. In: **Textos em representações sociais**. GUARESCHI, Pedrinho, et al. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GROISMAN, Moisés. **O código da família: mandamentos que devem reger as relações familiares**. 1. ed. Rio de Janeiro. 2006.

MARTINS, Priscilla de Oliveira. **Vivendo Casamentos, Separações e Recasamentos: Um Estudo Sobre o Campo Representacional da Conjugalidade**. 2009. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_529_.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações Sociais: Aspectos Teóricos e Aplicações à Educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; et al. **Textos em representações sociais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

MOSCOVICI, Sergio. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. ed. 9. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

MCGOLDRICK, MONICA, et al. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2001.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. **Contexto da família**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-02.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

SEVERINO, R. S. Casais construindo seus caminhos: a terapia de casal e a família de origem. In: Prado, Luiz Carlos. **Famílias e terapeutas construindo caminhos**. p. 71-96. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

SEVERO, Ariane de Freitas. **Encontros e Desencontros: a complexa vida a dois**. ed. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010. Disponível em: <<https://unochapeco.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788562553080/pages/5>> Acesso em: 09 jun. 2016.

SILVA, Priscilla de Oliveira Martins; TRINDADE, Zeidi Araujo; SILVA JUNIOR, Annorda. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. **Estudos de Psicologia**. v.17, n. 3, p. 435-443, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/12.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2015.

SILVEIRA, Tatiane; SILVA, Ticiane; SMEHA, Luciane. **A conjugalidade na contemporaneidade**. Trabalho de pesquisa do Curso Psicologia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) Santa Maria, RS, Brasil. 2012. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/6418.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

SANTOS, Manoel Antônio dos; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Satisfação Conjugal: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 26 n. 3, p.525-531, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a15v26n3.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 147-160.

2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n32/n32a12.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

WAGNER, Adriana; et al. **Como se perpetua a família?**: a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

XAVIER, Roseane. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? **Psicol.Soc.** Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 18-47, 2002.

Disponível

em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a03.pdf>> Acesso em: 09 jun. 2016.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em revista.**

Belo Horizonte, v.15, n. 2, ago. 2009. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677->

11682009000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 out. 2015.